

O poder dos afetos

Curadoria: Ana Pais

5 de fevereiro

A performatividade dos afetos na vida e no teatro, Ana Pais

12 de fevereiro

Trabalho emocional e subalternidade, Sara Falcão Casaca (Sociologia do trabalho e género, professora no ISEG) e Inês Brasão (Sociologia histórica, professora no IPL)

19 de fevereiro

O poder dos afetos privados na construção da vida pública, Helena Marujo (Psicologia positiva, professora no ISCSP)

26 de fevereiro

Movimentos afetivos do pensamento, Paula Caspão (Filosofia e Artes Coreográficas, pós-doc no CET)

Quem nunca sentiu um aperto repentino no estômago, um arrepio a percorrer a coluna, a pele de galinha quando não está frio, a explosão ou a suavidade de uma palavra proferida ou a atmosfera pesada de uma sala? A sensação é concreta e materializa-se no corpo, permeável ao ambiente e aos outros.

Distintas de emoções e sentimentos, qualificáveis em categorias universais, estas impressões são subtis e voláteis. Diversos campos do saber têm vindo a explorar a especificidade destes afetos (do que nos afeta), tais como, a filosofia (Deleuze, Massumi), a psicologia (Tomkins), as neurociências (Damásio), os estudos culturais e feministas (Berlant, Ahmed, Sedgwick) bem como as práticas artísticas que configuram situações e experiências desafiadoras da relação tradicional com a obra num museu ou num teatro.

Embora dificilmente consigamos definir o que são os afetos, sabemos o que fazem: atravessam e medeiam a nossa experiência do mundo. Neste sentido, eles são per-



© Ana Pais

formativos, isto é, a sua circulação social e cultural, apesar de invisível, tem uma influência inegável sobre a forma como nos relacionamos com os outros. Eis o poder dos afetos.

O ciclo *O poder dos afetos* propõe abordar alguns dos traços performativos dos afetos, mostrando como estes participam de áreas distintas da nossa vida, por exemplo, nas relações laborais, nos espaços sociais e culturais e nos modos de pensar e sentir.

Movimentos afetivos do pensamento

Começar. Há algum tempo encontrei num livro de Daniel Heller-Roazen a hipótese de que o pensamento dito consciente poderá não ser muito mais do que uma forma de tato, uma forma de contacto. Uma questão de toque, ou de montagem: maneiras de colocar a tocar-se dimensões de ordens várias. A partir desta

imagem dei por mim a pensar que mesmo o pensamento teórico e toda a produção de conhecimento – incluindo as várias tecnologias que os constituem, a começar pela linguagem, a escrita, a leitura – podem literalmente considerar-se como fazendo parte da *aesthesis*, ou seja, como trabalho dos sentidos. Todas estas atividades seriam assim consideradas como “quase-sentidos” ou matérias de afetividade, já que todas se tramam, tricotam, transmitem e traduzem de maneira radicalmente inter-sensorial. Já que ninguém, nenhuma parte trabalha sozinha, mas sempre em coprodução com uma ampla “comunidade” implicando muitos cúmplices oriundos de dimensões, lógicas, tempos e lugares heterogêneos.

Continuar. Não significa isto defender um subjetivismo que estabeleceria relações causais entre trabalhos teóricos específicos e as biografias afetivas dos seus autores, ou pregar o afeto como solução miraculosa para todos os males, quiçá como antídoto

CONFERÊNCIAS QUINTAS-FEIRAS DE 5 A 26 DE FEVEREIRO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

para o que se chama por vezes “anestesia da vida contemporânea” (curiosamente contemporânea de um certo esteticismo dos sentidos e do afeto).

Recapitular. Considerar o afeto como um importante “agente” e “colaborador” a ter em conta no trabalho do pensamento e na elaboração de conhecimento teórico é uma posição que não pretende de forma alguma circunscrever o pensamento teórico e a produção de conhecimento a uma singularidade supostamente pessoal e humana. Já que os afetos, capazes de produzir ligações entre as coisas mais heterogêneas – máquinas de relacionalidade por excelência – implicam várias questões não-humanas e impessoais: uma sociabilidade complicada. Face a isto, a questão é como afirmar e praticar uma maior atenção à forma como os conhecimentos que produzimos afetam não só os ecossistemas em que emergem como também os ecossistemas em que circulam. E reciprocamente. A ver onde irá isto dar neste caso.

Paula Caspão é investigadora, docente, dramaturgista e artista interdisciplinar, trabalha no cruzamento das artes coreográficas com outras áreas do conhecimento. Concluiu doutoramento em filosofia/epistemologia na Universidade de Paris-10 em 2010, e é investigadora de pós-doutoramento em estudos de *performance* no Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa, como bolsista da FCT; é investigadora integrada no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. É professora convidada na Danish National School of Performing Arts, em Copenhaga, bem como no Master de Coreografia do Centre National Chorégraphique de Montpellier, e facilita *workshops* de dramaturgia e de práticas discursivas, coreográficas e performativas através da Europa e Austrália. Juntamente com Bojana Bauer, Ivana Müller e Joachim Hamou desenvolve atualmente INSTITUT, um grupo experimental de atividades críticas e artes performativas com base em Paris.

Movendo-se entre atividades e suportes diversos, investiga as modalidades de conhecimento geradas pela ficção, bem como as dimensões ficcionais implicadas na produção de conhecimento. Interessam-lhe as políticas e as economias

afetivas da percepção, do pensamento, do movimento e do discurso, bem como uma abordagem crítica das modalidades de investigação artística atualmente em expansão.

Colaborou com os coreógrafos João Fiadeiro (PT), Petra Sabisch (D), Alix Eynaudi (F/A), Anne Juren (F/A), Agata Maszkiewicz (PL/F), Valentina Desideri (I/F), Zoë Poluch (CA/SE), Linda Luke (AU), Hellen Sky (AU). Os seus trabalhos encontram-se publicados em revistas e antologias de artes coreográficas, filosofia e performance (Austrália, Áustria, Bélgica, Eslovénia, EUA, França, Portugal, Espanha, Suécia, Turquia); é autora do livro *Relations on paper* (Ghost, 2013), e coautora/editora de *The Page As a Dancing Site* (Ghost, 2014).

CONFERÊNCIAS QUINTAS-FEIRAS DE 5 A 26 DE FEVEREIRO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO
